

Grupo 6 - Millena França, Patricia Bellon e Patricia Stelzer

Tema norteador: Agrobiodiversidade e sistemas agrícolas sustentáveis

Objetivos: Avaliar as possibilidades de mudanças nas práticas agrícolas capazes de transformá-la em beneficiária da biodiversidade

Em decorrência da revolução agrícola a humanidade passou a domesticar animais e a cultivar alimentos para uso próprio, de forma harmoniosa. Mas, após o surgimento da revolução verde, a tendência foi visar apenas o beneficiamento humano, colocando em prática a agricultura industrial/química, que direta e indiretamente constitui-se de práticas agrícolas que focam na monocultura, no uso de agrotóxico-pesticidas, fragmentação dos ecossistemas naturais, fertilizantes artificiais, uso de maquinaria agrícola e organismos geneticamente modificados. Cada vez mais aumenta-se o padrão de consumo, sendo necessária a criação de novos métodos e tecnologias para maximizar a produção de bens. Por conta disso, torna-se necessário a criação de sistemas e estratégias sustentáveis que garantam a sobrevivência da espécie humana e também conservem os processos ecológicos essenciais à vida, como o sistema de agroecologia.

A agroecologia e a agrobiodiversidade são concepções inseparáveis e faces da mesma moeda pois um dos princípios ecológicos nos quais a prática da agroecologia se fundamenta é a diversidade de espécies e a diversidade intraespecífica nos agroecossistemas. Mas o que é a agrobiodiversidade? É a parcela da biodiversidade utilizada pelos seres humanos, constituída por um conjunto de organismos e ecossistemas que apresentam fortes relações entre si. Grande parte desta diversidade serve principalmente de alimento, energia, medicamentos, tendo uma alta diversidade genética. Essa expressiva diversidade genética, que foi construída a partir das espécies originárias (espécies crioulas ou tradicionais) por meio de processos coevolutivos (especialmente a seleção natural), tem sido mantida pela conservação *ex situ*, em bancos de germoplasma, e principalmente pelo uso sustentável e pela conservação *in situ* (on farm), realizada principalmente pela agricultura familiar. Entretanto, a diversidade genética conservada há séculos pela conservação *in situ* encontra-se ameaçada pela agricultura industrial/química, através de suas práticas que provocam muitas externalidades negativas, e pelas mudanças climáticas, que produzem efeitos adversos à diversidade genética.

Na agricultura industrial, as espécies tradicionais que continham boas qualidades nutricionais e estão adaptadas a ecologia local, são substituídas e abandonadas pelas espécies geneticamente modificadas ou espécies exóticas, que privilegiam mais o rendimento do que a qualidade nutricional. Assim, há uma redução drástica na diversidade genética e conseqüentemente na agrobiodiversidade. Como conseqüências para a redução da agrobiodiversidade e o emprego da agricultura industrial são: extinção e fragmentação de habitats, emissão de gases com reflexos diretos nas mudanças climáticas e

os impactos socioculturais. Fica evidente que as populações tradicionais mantêm a agrobiodiversidade e possuem um profundo entendimento das relações ecossistêmicas, sendo então o elo de conexão entre o meio ambiente e a humanidade. Assim, neste contexto de retomada dos valores agrícolas basais, são propostas novas práticas agrícolas sustentáveis, tais como: agricultura biodinâmica, agricultura orgânica, agricultura natural, permacultura e a agroecologia (agricultura ecológica, alternativa e a sustentável), sendo inúmeras as vantagens desta última. Dentre elas se destacam: insumos químicos não são utilizados, é sustentável em todas as suas dimensões, faz uso de grande diversidade genéticas no cultivo, é socioeconômico-associada, estimula as relações de vizinhança e produz alimentos com alta qualidade biológica e nutricional. Portanto, a agroecologia é menos dependente de insumos externos, mais eficiente energeticamente, usa menos capital e é mais ambientalmente sustentável, sendo então o modelo ideal para o futuro da agricultura mundial.

Outras informações:

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

<https://www.fnde.gov.br/programas/pnae>

O PNAE é uma verba federal destinada às escolas públicas do Brasil, em 10 parcelas/ano de acordo com a quantidade de alunos e o tipo de escola, para oferecer alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional aos estudantes. Desde 2009, 30% do valor repassado pelo PNAE deve ser investido na compra direta de produtos da agricultura familiar, para estimular o desenvolvimento econômico e sustentável das comunidades. O cardápio escolar é elaborado por um nutricionista, respeitando os hábitos alimentares locais e culturais, atendendo as necessidades nutricionais específicas para cada nível de escolaridade/tipo de aluno que a escola abriga.

PRONAF

AGROECOLOGIA

<http://www.mda.gov.br/>

Linha de crédito para unidades familiares de produção que desejam ingressar na produção orgânica ou iniciar a transição agroecológica da propriedade.

ESCOLA LATINOAMERICANA DE AGROECOLOGIA

<http://elaa.redelivre.org.br/sobre/>

Situado no assentamento Contestado, comunidade do MTST localizada no município de Lapa (PR), a escola surgiu em 2005 e formou três turmas de tecnólogos em parceria com IFPR (120

pessoas). Ela recebe militantes da América Latina e Caribe para que possam aprender e disseminar a agroecologia. A quarta turma de estudantes têm: brasileiros, paraguaios, bolivianos, chilenos, argentinos e dominicanos. Atualmente existe a primeira turma do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza e Agroecologia. Para eles, a educação se divide em três eixos: acesso ao conhecimento científico, conhecimentos populares e troca de saberes entre os povos da América Latina. A escola funciona no sistema de alternância, ou seja, o estudante passa um período em sua comunidade e o outro na escola, para que possa experienciar o conhecimento científico adquirido junto com sua comunidade e para que os cursos atendam a sua demanda de várias regiões. Além dessa escola, há uma escola já consolidada na Venezuela (Instituto de Agroecologia Latino-Americano Paulo Freire), no Paraguai (o Guarani), um no Chile voltado para mulheres e outro na Colômbia inaugurada este ano (além disso, existem experiências de escolas agroecológicas no Equador, Guatemala e Argentina).

Referências

Texto sobre práticas agrícolas sustentáveis

<http://cursos.infobibos.com/cursosonline/Aulas/Agrorganica/Aula4/aula0004.pdf>